

SEGUNDO CADERNO

ARTUR XEXÉO

A frase da semana: Olha o Salman Rushdie ali!

Duas ou três coisas sobre a Bienal do Livro e mais um ou outro comentário sobre a caspa e o xampu

O comentário parecia insólito: — Olha o Salman Rushdie ali! Apesar do absurdo, olhei. E não é que era o Salman Rushdie mesmo? Entre uma barraquinha de churrus recheados e um estande de livros esotéricos, Salman Rushdie em pessoa ali no Riocentro. E se você bobear-se poderia esbarrar em Scott Turov. Ou em Manoel de Barros. Ou em...

A Bienal do Livro é um momento muito particular no calendário cultural carioca. A cada dois anos, o escritor — este ser que trabalha isolado em escritórios domésticos, que frequenta noites de autógrafo pouco concorridas, que luta para sobreviver com o desprestigiado direito autoral brasileiro — é alçado à categoria de popstar. Quem visse os olhares que seguem Luis Fernando Veríssimo no último domingo no Riocentro teria uma amostra do que deve acontecer quando... humm... José Mayer resolve fazer compras no Norreshopping.

O que acontece no Café Literário — o espaço nobre da programação cultural da Bienal — é inacreditável. Ali, um rato de livros é capaz de ficar duas horas numa fila apenas para pegar uma senha que lhe garante um assento num debate do qual faça parte Máitena ou Zélia Gattai ou Chico Caruso. E o entusiasmo com que cada escritor é recebido no palquinho do Café não é muito diferente daquele que acolhe um cantor do momento numa apresentação no Canecão. E olha que ninguém vai ali para cantar (se bem que, outro dia, Caetano Veloso deu uma canja e entoou, a capela, "Elegia" para uma platéia embevecida — mas apenas para... falar, debater, conversar, ler poesias, expor idéias. A cada dois anos, o Rio descobre que idéia também é pop.

Salman Rushdie é uma vedete. É verdade. Maitena corre o risco de ser eleita a Miss Simpatia desta bienal. Qualquer livro de Veríssimo vende à beça. Scott Turov é tão estrela que chega ao Riocentro de helicóptero, mais ou menos como aconteceria com Xuxa se ela tentasse uma carreira literária. Mas ninguém faz mais sucesso nas bienais do livro do que



Ziraldo. Suas filas para autógrafos são sempre as maiores e, de longe, as mais animadas, juntando, pelo menos, três gerações.

Tudo bem, a atração principal da feira é o livro. Mas quem quiser percorrer com calma seus três pavilhões gasta tempo e, fatalmente, sentirá fome. Pois não há um só estande de comida que valha a pena. O pastel, o bolinho de bacalhau, o churro, a crepe, todo o tipo de alimentação à venda consegue uma proeza: ter o mesmo gosto. Pior: gosto de nada.

mas... nada que você não encontre na Saraiva ou na Livraria da Travessa mais próxima. Por isso é preciso descobrir aqueles que trazem livros que a gente só encontra mesmo a cada dois anos. No gênero, meu estande predileto é o da editora do Senado Federal. Ali a gente encontra obras raras como "Capitulos da História Colonial", de Capistrano de Abreu, ou "O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis", de Luís Edmundo. Sai de lá com um exemplar novinho de "O Rio de Janeiro como é", de C. Schlichthorst, da coleção O Brasil Visto por Estrangeiros. Feliz da vida.

Chega de Bienal e voltemos à fita-banana. "A verdade pode estar na caspa e não no xampu" é ou não é o verso mais inusitado da música popular brasileira? Há quem julgue que não. Que imbatível mesmo foi o produzido por Johnny Alf em "Eu e a brisa", garantindo que "talvez, quem sabe, e inesperado faça uma surpresa". Bem, a surpresa provocada pelo inesperado é mesmo um clássico e, a partir de hoje, o verso de Alf será considerado hors-concours.

Há quem se lembre de Carlinhos Brown em "Meia-lua inteira", gravada por Caetano Veloso, em que o ouvinte é apresentado ao "deradeiro rá-rá-rá". Mas, convenhamos, um concurso de verso inusitado com a participação de Carlinhos Brown... é covardia. Não tem pra mais ninguém. Carlinhos Brown passa a ser hors-concours também.

Enfim, um leitor recuperou os versos iniciais de "Coração de papel", o iê-iê-iê de Sergio Reis, composto no tempo em que o cantor sertanejo ainda era da Jovem Guarda: "Se você pensa que meu coração é de papel. Não vá pensando, pois não é." É. Tem chances.

Tem gente pagando qualquer coisa para ler o que dona Rosângela Mathews escreveu no livro de presença da Sala Vip da Bienal do Livro. Os privilegiados que tiveram acesso a ele garantem que é uma peça literária digna de um Jabuti.

E-mail para esta coluna: axexeo@oglobo.com.br

João Bosco traz as contradições do Brasil das ruas ao palco do Rival

Compositor diz que volta da parceria com Aldir é questão de tempo

Hugo Sukman

João Bosco sabe que retomar sua lendária parceria com Aldir Blanc é questão de tempo.

— É claro que vamos voltar a compor — diz — Mas, por enquanto, a gente só se encontra para tomar uns birinaltes.

Quando Bosco subir ao palco do Teatro Rival hoje, para estreiar temporada de duas semanas de lançamento do disco "Malabaristas do sinal vermelho" (Sony), de certa forma Aldir estará ainda mais presente do que sempre. Na primeira parte, só com o violão, Bosco descerá às profundezas de peças compostas com Aldir — como "Da África a Sapucaí", épico da formação do povo brasileiro que nunca foi explorado no palco antes — ensaiadas numa feijoadinha em homenagem ao parceiro no carnaval passado, com Aldir no tamborim de dedo, para deleite dos privilegiados presentes.

Fazem parte desse set sua versão para o "Andar com fé", de Gilberto Gil, e sambas com letras *bimquinhas* do parceiro e filho Francisco, que se mostrou enfim maduro e pessoal como letrista (e não um poeta que escrevia letras), "Terreiro de Jesus" e "Benzetacil".



Leonardo Aversa

— Depois, com a banda do disco, vem um set mais aguerido, com as guitarras, minha e do Nelson Faria, mais distorcidas, um clima tenso — diz.

— É a influência que a cidade exerce na doçura brasileira. É desse bloco "Malabaristas do sinal vermelho", síntese da atual fase de Bosco, cuja letra de Francisco olha com dor e doçura poética a tragédia social. Como Aldir fez nas presentes

JOÃO BOSCO:

em parceria com o filho Francisco, ele vê de forma poética a tragédia social brasileira, em sambas e canções

"João do Pulo", "Tiro de misericórdia", "Escadas da Penha".

Além de doçura e tensão, promete um "momento elegante, uma homenagem ao centenário de Ary Barroso, na recriação já célebre de "Rio de Janeiro".

— Esse samba do Ary mistura o Brasil real com o imaginado, como no meu disco. Diz o que eu quero dizer, pede ao Brasil para tanger as cordas do seu violão. ■

Governo do Estado do Rio de Janeiro apresenta

TEMPORADA 2003

Orquestra Sinfônica e Coro do Theatro Municipal

DIREÇÃO MUSICAL e REGÊNCIA: Silvío Barbato DIREÇÃO: Ron Daniels CONSOLE: Marcos Flaksman

Arte, Sexo e Crime:

PUCCINI

Tosca

com: Francesca Patané (dias 23 e 25) Laura de Souza (24)

Mario Malagnini (23 e 25) Marcello Vannucci (24)

Arturo Barrera (23 e 25) Marco Chingari (24)

Sandro Christopher (23, 24 e 25)

Espectáculos: Dias 23, às 20h, Dias 24 e 25, às 17h. Preços a partir de R\$ 20,00

Frisa / Camarote: R\$ 300,00 (com 6 lugares) Platéia e Balcão Nobre: R\$ 60,00

Balcão Simples: R\$ 40,00 Galeria: R\$ 20,00

Venda de ingressos na bilheteria do Theatro e Ticketmaster. Informações: 2262.3935 / 2299.1633

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Embratel

GOVERNO DO ESTADO RJ

TRINIDADINE GIOIA TEATRO

CURSO DE MODELO

• TÉCNICAS DE PASSARELA

• MAQUIAGEM

• ETIQUETA

• POSTURA

MATRÍCULAS ABERTAS

INÍCIO 9 DE JUNHO

ETCM

ESCOLA TÉCNICA CARNEIRO IRENO

VANIA LIMA

PARAQUER

PRAÇA XV DE NOVEMBRO, 101 CENTRO

TEL: 2531.2583 e 2531.4563

Anuncie nos

Classificados

pela

Internet.

www.classificados.oglobo.com.br

O GLOBO

